

As noções de práxis e poiêsis em Aristóteles

Adriana Santos Tabosa

Instrumento de ação e produção

Aristóteles na *Política*, na passagem sobre a teoria da escravatura, indica e opõe dois tipos de instrumentos (*organa*), os animados e os inanimados.

E tal como na administração da casa, à semelhança do que sucede em artes específicas, é necessário dispor de instrumentos próprios para a tarefa que tem de ser desempenhada, assim também quem estiver à frente do governo da casa deve ter os seus instrumentos, uns inanimados, e os outros animados (por exemplo, para o timoneiro o leme é um instrumento inanimado, e o vigia um animado, pois, nas diferentes profissões, um ajudante pertence à categoria dos instrumentos). (*Política*, I, 4, 1253 b, 25-30).

Para Aristóteles, os instrumentos inanimados são instrumentos de produção, enquanto o instrumento animado é um instrumento de ação. Além de indicar duas espécies de instrumentos, Aristóteles distingue duas espécies de uso de coisas inertes ou animadas que um homem pode encontrar à sua disposição, e duas espécies de atividades empenhando meios em vista de obter um fim.

Em qualquer caso, os instrumentos propriamente assim chamados são instrumentos de produção, enquanto uma propriedade é um instrumento de ação. De um tear provém algo mais do que o seu simples uso, de uma cama ou de um adorno apenas o seu uso. Além disso, como a produção e a ação diferem em gênero e ambas necessitam de instrumentos, a diferença entre os instrumentos deve ser também a mesma. A vida é ação, e não produção, pelo que o

escravo é um ajudante a incluir entre as coisas que promovem a ação (Política, I, 4, 1254 a, 1-8).

A cama e o tear não são instrumentos da mesma espécie. Seus usos dão lugar a resultados diferentes. O uso de uma cama não faz aparecer um outro objeto, cuja existência e a forma adquirem uma independência. Neste caso, o uso de um tear pode fazer aparecer, em certas condições, qualquer coisa a mais que ele. No segundo caso, o uso é uma atividade, comandada por um fim desejado, por relação à coisa que é um meio; mas, no primeiro caso, a atividade, o meio e o fim constituem uma totalidade da qual nenhum elemento se desvia dos outros para ocupar uma posição exterior. No segundo caso, qualquer coisa a mais que ela, que se obtém pelo uso do meio, torna-se um objeto independente e exterior. A distinção que aparece nessas considerações é a distinção fundamental entre ação e produção - práxis e poiêsis. Ela está presente em toda obra de Aristóteles, desde os conceitos mais simples aos conceitos metafísicos mais importantes. É esta distinção que Aristóteles apresenta nas primeiras linhas da *Ética a Nicômaco*. É isto também que permite ilustrar uma análise do movimento ou do devir humano.

Práxis e poiêsis

Aristóteles introduz a distinção entre ação (práxis) e produção (poiêsis) no início da *Ética a Nicômaco*, citando uma observação dos fazeres humanos, ou dos fazeres contingentes nos quais o homem é o agente: “Observamos uma certa diferença entre os fins: alguns são atividades, outros são distintos das atividades em si mesmas” (Et. Nic. I, 1, 1094 a, 4-5). No primeiro caso, a atividade é em si mesma seu próprio fim; ela é uma ação. No segundo caso, a atividade não é em si mesma seu próprio fim, mas ela é uma atividade transitiva que deixa o fim subsistir sob a forma de um produto quando ela mesma cessa;

ela é uma produção: “A produção tem um fim outro que ela mesma, ela não seria, portanto ação, a boa ação é em si mesma seu próprio fim” (Et. Nic. VI, 5, 1140 b, 4). Para Aristóteles, agimos por agir e para bem agir, mas, não produzimos por produzir; produzimos para obtermos um produto.

Apesar de pertinentes as referências contidas na *Ética a Nicômaco*, somente na *Metafísica* encontraremos os indícios necessários para compreensão dos conceitos de práxis e poiêsis por intermédio da análise que Aristóteles faz entre ação e movimento.

Dado que das ações que têm um termo nenhuma é um fim por si, mas todas tendem a alcançar o fim como, por exemplo, o emagrecimento tem por fim a magreza; e, dado que os corpos, quando emagrecem, estão em movimento em direção ao fim, ou seja, não são aquilo em vista do que ocorre o movimento, segue-se que estas não são ações, pelo menos não são ações perfeitas, justamente porque não são fins. Ao contrário, o movimento no qual já está contido o fim é uma ação. Por exemplo, ao mesmo tempo alguém vê e viu, conhece e conheceu, pensa e pensou, enquanto não pode estar aprendendo e ter aprendido, nem estar se curando e ter-se curado. Alguém vive bem quando já tenha vivido bem, é feliz quando já tenha sido feliz. Se não fosse assim, seria preciso existir um termo final, como ocorre quando alguém emagrece: nos casos citados, ao contrário, não existe termo final: ao mesmo tempo se vive e se viveu. Dentre esses processos, os primeiros serão chamados movimentos, enquanto os segundos serão chamados atividades. De fato, todo movimento é imperfeito: por exemplo, o processo de emagrecer, de aprender, de caminhar, de construir. Esses processos são movimentos e são claramente imperfeitos: não é possível que alguém caminhe e já tenha caminhado no mesmo momento, nem que no mesmo momento, construa e já tenha construído, advenha e já tenha advindo, receba movimento e já o tenha recebido, pois essas coisas são diferentes. Ao contrário, alguém viu e vê ao mesmo tempo, e, também, pensa e pensou. Chamamos, portanto, atividades esse último tipo de processo e movimento o outro (*Metafísica*, 8, 6/7, 1048 b, 17-34).

Nessa passagem, Aristóteles distingue as ações que têm um termo e que não são um fim por si das ações cujo próprio movimento (kinêsis) contém o fim e que não tem um limite. O início do texto indica que os atos ou atividades de produção se caracterizam por ter um termo. O emagrecimento, por exemplo, sofre interrupção num dado momento. O mesmo não acontece com as ações que não têm um limite. A expressão termo/limite que Aristóteles utiliza, não pode se determinar pelo tempo social ou objetivo nos quais se inscrevem os atos humanos. Ela visa ao ato em si mesmo. A ação é sem termo; ela não é definida, delimitada ou determinada pelo exterior.

Aristóteles opõe as ações que não são um fim por si, mas que tendem a alcançar um fim, isto é, que têm um termo, das que são um fim em si mesmas e que não possuem um limite. Essas são consideradas ações perfeitas, pois as coisas consideradas perfeitas são as que alcançaram o fim que lhes convém. Uma coisa é perfeita quando possui o próprio fim (Metafísica, 4, 16, 1021 b, 25). O que está em movimento em direção ao fim, não é aquilo em vista do que ocorre o movimento, não se caracteriza por ações, ou não é uma ação perfeita, justamente porque não é um fim. Ao contrário, o movimento no qual já está contido o fim, este se caracteriza por uma ação. Para Aristóteles ver, conhecer, pensar e viver são consideradas ações perfeitas porque no seu movimento o fim é imanente à ação, a ação ocorre ao mesmo tempo sem necessidade de um antes e um depois. O oposto nos processos que possuem um limite, como, por exemplo, emagrecer, curar, construir, caminhar etc., pois não é possível que alguém caminhe e já tenha caminhado no mesmo momento, nem que construa e já tenha construído etc. Os processos que não são um fim por si são movimentos, enquanto os que são um fim por si, são atividades.

As ações perfeitas são aquelas que são mais imateriais, pois dependem especificamente da atuação da alma e, portanto, são mais

independentes da realidade exterior do sujeito. Segundo Aristóteles, as coisas se dizem perfeitas quando não carecem de nada ou não são separadas por outras e quando não têm nenhuma de suas partes fora de si (Metafísica, 4, 16, 1021 b, 30). As ações perfeitas se caracterizam quando o fim último é o próprio exercício da faculdade, como, por exemplo, o ver, pois o fim da vista é a visão e não se produz nenhuma obra diferente da vista; ao contrário, em outros casos, onde se produz algo, como por exemplo, o construir; da arte de construir deriva, além da ação de construir, a casa.

Portanto, nos casos em que se tem a produção de algo diferente do próprio exercício da faculdade, o ato se desdobra no objeto que é produzido: por exemplo o ato de construir no que é construído a ação de tecer no que é tecido, e o mesmo vale também para todo o resto e, em geral, o ato do movimento naquilo que é movido. Ao contrário, nos casos em que não ocorre nada além da atividade, a atividade está nos próprios agentes: por exemplo, a visão está em quem vê, o pensamento em quem pensa, a vida na alma, e por isso na alma também está a felicidade, que é um certo modo de viver (Metafísica, 8, 1050 a, 30-36).

A distinção entre ação e produção é primeiramente uma distinção entre dois estados contingentes no qual o homem é o agente: o “trabalho” e o “produto”. O trabalho é sempre ao mesmo tempo ato; o produto está sempre separado do ato. Cada produto está sempre em potência da ação, isto é, em potência de sofrer uma ação, que o ordena a um fim e lhe concede sentido. Dessa forma, o fim da produção sob a forma do produto não é verdadeiramente um fim, um acabamento, ou uma perfeição. A produção é um fim relativo, como menciona Aristóteles: “o ato de produzir não é uma finalidade em si, mas somente uma finalidade em relação à outra coisa qualquer” (Et. Nic. VI, 2, 1139 b, 25).

Os conceitos de ação (energeia) e de movimento (kinêsis), se vinculam diretamente aos conceitos de ato (entelekheia) e potência (dynamis).

O que queremos dizer fica claro por indução a partir dos casos particulares, pois não é necessário buscar definição de tudo, mas é preciso contentar-se com compreender intuitivamente certas coisas mediante a analogia. E o ato está para potência como, por exemplo, quem constrói está para quem pode construir, quem está desperto para quem está dormindo, quem vê para quem está de olhos fechados mas tem a visão, [...]. Ao primeiro membro dessas diferentes relações atribui-se a qualificação de ato e ao segundo a de potência (Metafísica, 8, 6, 1048 a, 35-37).

Do mesmo modo, os conceitos de ação e produção se relacionam aos conceitos de ato e potência. Para Aristóteles, potência em primeira acepção significa o princípio de movimento ou de mudança que se encontra em outra coisa ou na própria coisa enquanto outra (Metafísica, 4, 11/12, 1019 a, 15). A arte de construir, por exemplo, é uma potência que não se encontra na coisa construída; entretanto, a arte de curar, que também é uma potência, pode encontrar-se também no que é curado. Todas as artes e ciências produtivas são potências, pois são princípios de mudança em outro ou na própria coisa enquanto outra. As artes ou ciências produtivas são potências ativas e racionais; são ativas porque têm capacidade de realizar mudanças em outra coisa ou em si mesma e são racionais enquanto são potências para ambos os contrários.

E enquanto as potências racionais são as mesmas para ambos os contrários; cada uma das irracionais é potência de um único contrário: o quente, por exemplo, só é potência de aquecer, enquanto a arte médica é potência da enfermidade e da saúde. Isso é assim porque a ciência funda-se sobre noções e a mesma noção manifesta tanto a essência da coisa como a sua privação, embora não do mesmo modo: de fato, a

ciência é ciência de ambos os contrários, e que de um dos contrários o sejam por sua própria natureza (Metafísica, 8, 2, 1046 b, 5-10).

As gerações naturais são coisas cuja geração provém da natureza. Os outros processos de geração, ao contrário, são produções. Todas as produções ocorrem ou por obra de uma arte ou por obra de uma faculdade ou por obra do pensamento. Por obra da arte são produzidas todas as coisas cuja forma está presente no pensamento do artífice. Nas gerações e nos movimentos existem dois momentos: o primeiro inicia-se pelo pensamento, o segundo pela produção (Metafísica, 6, 7, 1032 a, 30 – b, 15).

Conclusão

Aristóteles identifica e distingue três espécies de ciência: a prática (praktikê), poiética (poiêtikê) e a teórica (theôrêtikê). As ciências práticas são inerentes por natureza às ações. Nas ciências práticas a origem do movimento está em alguma decisão de quem age, pois o princípio da ação é a escolha. As ciências poiéticas diferem das práticas porque os seus fins não estão em si mesmas, os seus fins são sempre um produto, algo externo à própria ação. O princípio da produção se encontra naquele que produz, seja no intelecto, na arte ou noutra faculdade. As ciências teóricas são as especulativas, isto é, o que é puramente cognitivo e, portanto, opõe-se à prática e à produção.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Éthique de Nicomaque*. Texte, traduction, préface et notes par Jean Voilquin. Paris, Ques Garnier, 1961.

ARISTÓTELES. *Física I-II*. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 1. Tradução revisada e notas de Lucas Angioni. Campinas – SP, IFCH / UNICAMP, 2002.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Saggio introduttivo, testo greco con traduzione a fronte e commentario a cura di Giovanni Reale. Volume II. Tradução para português de Marcelo Perine. São Paulo, Brasil, Edições Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução e notas: António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Coleção: Vega, Lisboa, Vega Universidade/Ciências Sociais e Políticas. 1998.

JEAGER, Werner. *Aristóteles*. Trad. José Gaos. México, Fondo de Cultura Económica, 1997.

PEREIRA, Reinaldo Sampaio. Ato e Potência na *Ética a Nicômaco*. Boletim do CPA, Campinas, nº 8/9, jul. 1999 – jun. 2000, p. 195-199.